



PAPEL SOCIAL DA MULHER: REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO

Alana Moraes Vanzela (PIC/ UEM), Elizete Conceição Silva (Orientador), e-mail: Elizetecsilva2007@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas e Letras/Maringá,

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas/ Área: Serviço Social

Palavras-chave: representação social, imaginário, gênero.

Resumo:

A presente pesquisa volta-se a compreensão da representação social de gênero, com ênfase no papel social da mulher. Busca-se, por meio de uma análise teórica, compreender o processo que conjuga simbologia e representação social, estas que são acionadas por meio de oposições antropocósmicas e que reforçam por meio da violência simbólica os papéis sociais de sexo/gênero. Considera-se que ao privilegiar a cultura em detrimento da natureza, promove-se uma marcha de normatização de valores e relações sociais, bem como o atrofiamento das subjetividades e o mal estar humano, frente a quaisquer tentativas de rompimento com os papéis sociais de feminilidade e masculinidade vigente.

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa voltada a compreensão do papel social da mulher na sociedade, intitulada de "Subjetividade e linguagem: A Representação da Mulher no Espaço Cinematográfico". O presente texto parte da consideração que o papel social de gênero/ sexo é reforçado por meio da violência simbólica pautada em uma normativa androcêntrica, valor este selecionado e fortalecido pelo coletivo social. Considera-se que para modificar a realidade social é necessário desnaturalizar os papéis sociais incumbidos ao feminino e ao masculino, sendo necessário concomitantemente (re)conhecer que a realidade sendo construída socialmente pode ser modificada, caso haja interesse e esforço coletivo neste empreendimento.

Resultados e Discussão

A distribuição de papéis sociais de sexo/gênero, não é de ordem puramente natural (biológica), tão pouco, apenas de ordem cultural, o sexo/ gênero são oriundos da relação histórica social da humanidade, que é (re)produzida por



meio de ações objetivas e subjetivas que evocam sistemas simbólicos do mundo social.

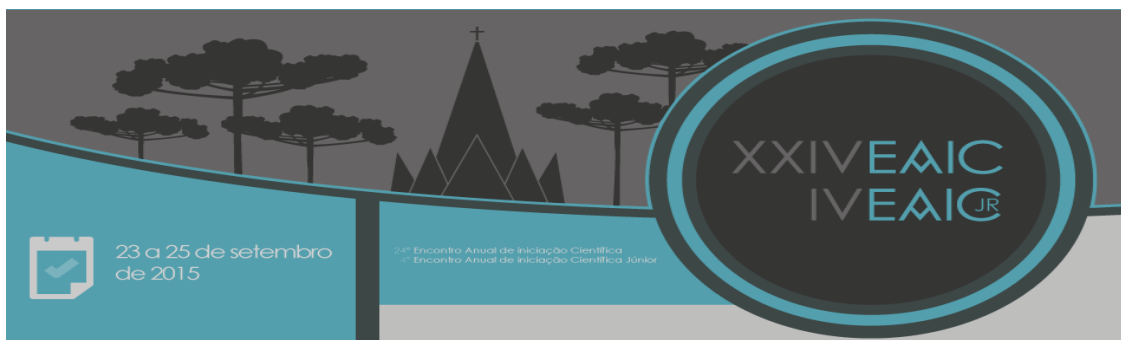
Estes valores simbólicos são reproduzidos pelo coletivo social, e perpassam todas as esferas da realidade cotidiana que vão desde formas de organização institucionais, sistemas econômicos, apresentação do Estado, tecnologias e demais formas de relação social e, são parte da produção humana que na sua ação cotidiana modifica a natureza e estabelece a relação cultural. O processo natureza/cultura são indissociáveis, “/.../ tudo aquilo que não constituí os sistemas simbólicos chamaremos de imaginário, não simbolizando as pulsões, emoções, sensações - táteis, auditivas, etc.”. (MURARO & BOFF, 2010, p.117)

A distribuição de papéis sociais de sexo/ gênero, sob a ótica androcêntrica, ou seja, de estrutura e organização patriarcal pautam a divisão do mundo social, por meio da:

/.../divisão de coisas e atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre masculino e feminino recebe a necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo e (falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro(privado) etc./.../ A divisão entre sexos parece estar “na ordem das coisas”, /.../ está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e , em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação/.../(BOURDIEU, 2002,p.16-7)

Este esquema de pensamento torna o modo de ação social estereotipada no papel social de gênero, que cria o modelo ideal de feminilidade e masculinidade baseado na oposição antropocósmica. Porém, se faz necessário, entender como é processada a representação social de gênero pelo indivíduo. Ou seja, como as expectativas sociais, auxiliam na manutenção deste sistema de dominação/exploração, como estes valores passam a objetivar-se enquanto “experiência dóxica”. Segundo Bourdieu,

/.../ a visão social androcêntrica impõem-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita de atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres/.../ (20002, p.18)



A coesão oferecida por esta forma de representação social oferece uma tensão, devido ao distanciamento do ser humano de sua natureza, ocorrendo à tentativa de bifurcação na qual a cultura passe a predominar e se estabelecer como principal repressão, pois o “/.../ ser humano é mais complexo dos primatas. Nele aparece e se desenvolve o córtex cerebral, pelo qual foi capaz de simbolizar, de falar e, portanto de se afastar da natureza/.../” (MURARO & BOFF, 2010, p.122). Segundo ainda os atores supracitados,

O nosso desejo de felicidade está, no entanto, em conflito com o mundo todo: a realidade frustra o desejo. O conflito de prazer com a realidade é a causa da repressão. Quando crescemos, o nosso Eu consciente tem que se ajustar à realidade, enquanto o inconsciente continua essencialmente ligado ao seu desejo e é o elemento submisso e indestrutível da alma humana. As frustrações da realidade não podem destruir os desejos que são a base do nosso ser.

Quando a realidade é insuportável, nos refugiamos no sonho e na fantasia, que são o sucedâneo dos prazeres negados pela realidade. (2010, p.124)

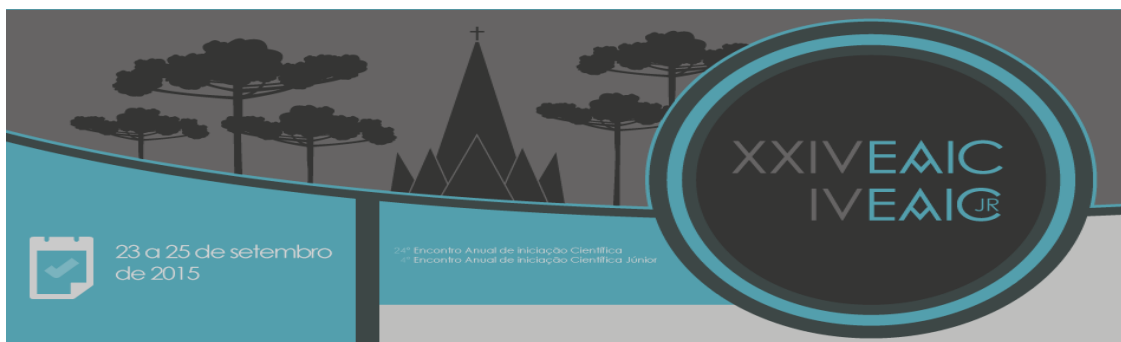
Enquanto o indivíduo apenas mobilizar experiências anteriores de comportamento frente à determinada ação, reproduzindo a cultura, ele estará atrofiando a sua principal característica, pois ele é “/.../ o único animal que possui a capacidade de entrar em conflito com a realidade, porque pode modificá-la. E sem esse conflito não há crescimento/.../” (MURARO & BOFF, 2010, p.126).

Ou seja, quando o ser humano deixa de usar a sua consciência, e passa meramente a responder às representações sociais, acionando expectativa de uma ação comportamental atribuída por meio de uma ação convencional, ele estará alimentando o jogo simbólico de “/.../transferências práticas e metáforas /.../ uma espessura semântica, nascida sobredeterminação pelas harmonias, conotações e correspondências” (BOURDIEU, 2002, p.16)

Essas expectativas abstratas estarão sendo idealizadas enquanto conduta neutra, porém, esconde em seu âmago a relação de dominação-exploração. Quando o ator social assume um papel social, tem a sensação de conforto, pois tem uma ação previamente estalelecida, ajustada a uma expectativa, que por vezes, não lhe é própria, mas sim, uma maneira e uma aparência previamente moldada segundo a compreensão existente.

Dentro do exposto, podemos pensar os papéis sociais de gênero enquanto modo ideal de representação, que perpetrado no imaginário social auxiliam na manutenção do status quo.

No âmbito orgânico os instintos de vida e morte se harmonizam e como ser humano é o único animal que tem o privilégio de insurgir-se contra a natureza biológica e entrar em luta com ela. Daí a sua doença a neurose. E esse conflito só poderá ser



ultrapassado se a neurose e a repressão também puderem ser/.../
(MURARO & BOFF, 2010, p.131)

Destarte, há alternativas de sociabilidade humana, porém é necessário que o próprio produtor da atividade envolto pela aparência da sua representação deixe de executar certas práticas. Os autores Muraro & Boff (2010) afirmam ser necessário problematizar a forma como os papéis sociais estão distribuídos de maneira a não se acomodar frente à mediocridade da vida e principalmente deixar de negar a existência de outra possibilidade, a do rompimento com o pessimismo.

Faz-se necessário uma mudança profunda no sistema de projeção, identificação e transferência de valores culturais, para que o indivíduo não seja *subjectus*, mas agente e a resgate a subjetividade, só assim será possível sustentar a emergência de uma vida enquanto presente.

Conclusões

O empreendimento apresentado não é fácil, pois requer rompimento com práticas que de certo modo estão arraigadas em condutas e que a todo instante são reafirmados na ordem das coisas, porém é preciso lembrar que é a partir da consciência que o homem pode modificar a realidade, a mudança só virá quando homens e mulheres passarem a romper com a estrutura que segrega os gêneros, pois, sem a ação não há reprodução. Assim, consolidar uma nova ordem requer engajamento e decisão, seremos nós, os mesmos que outrora nos sujeitamos que teremos que construir um futuro diferente, se desejarmos desfrutar de uma sociedade que não busque a homogeneidade, e aceite a heterogeneidade. As diferenças e, com isso, leia também a biodiversidade são fruto do alvorecer da sexualidade e, do processo subjetivo de apreensão do mundo, não há mundo de seres idênticos, mas deve existir um mundo de respeito às essas diferenças.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A dominação Masculina/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner-12ªed. –Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. De Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985

MORIN, Edgar. Cinema ou o Homem imaginário. Relógio D' Água Editores, 1997.

MURARO, Rose Marie. Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças/ Rose Marie Muraro, Leonardo Boff. Rio de Janeiro: Record, 2010.